

10627 - Agricultura urbana na comunidade do morro do escorpião: o que podemos aprender?

Urban agriculture at the community of Morro do Escorpião: what can we learn?

ALEIXO, Izabela¹; DAYER, Vladimir²; ARAÚJO, Laís³; FIORINI, Anô⁴.

1 Universidade Federal de Viçosa, izabela.aleixo@ufv.br; 2 Universidade Federal de Viçosa, vladimirdayer@gmail.com; 3 Universidade Federal de Viçosa, lais_ca@hotmail.com 4 Universidade Federal de Viçosa, afiorini@ufv.br

Resumo: Um dos grandes desafios enfrentados pela sociedade contemporânea é a ocupação indevida dos centros urbanos, já que nesse processo não são garantidas às populações migrantes as condições básicas de vida, tais como empregos e moradia de boa qualidade, saneamento básico, segurança alimentar, acesso à saúde e educação. Além disso, o espaço urbano caracteriza-se pela ausência das práticas tradicionalmente desenvolvidas no local de origem, o que implica em uma progressiva perda da identidade rural da população. A prática agrícola no ambiente urbano, que compreende o exercício de diversas atividades relacionadas à produção de alimentos e conservação dos recursos naturais, surge como estratégia efetiva de fornecimento de alimentos, de geração de empregos, além de contribuir para a segurança alimentar e melhoria da nutrição dos habitantes das cidades. A prática agrícola desenvolvida nas cidades tem grande importância para a garantia de alimentos diversificados e frescos, e auxilia na manutenção de práticas agrícolas desenvolvidas tradicionalmente no local de origem. Esses trabalhos tem importância especial em comunidades periféricas, onde os problemas decorrentes do rápido crescimento urbano são mais acentuados, e os níveis de renda familiar são mais baixos. Na comunidade periférica do Morro do Escorpião em Viçosa, MG, são desenvolvidos trabalhos espontâneos de agricultura urbana, que auxiliam a população na diminuição de problemas de segurança alimentar e saúde, além de propiciar uma melhoria na auto-organização da comunidade, atuando diretamente na qualidade de vida dessas famílias. Desde 2008, os trabalhos desenvolvidos na comunidade são acompanhados por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, que a partir do contato com o morador e agricultor urbano Daniel da Silva tem atuado promovendo a valorização e ampliação dessa prática dentro da comunidade, visando uma maior organização social do grupo de agricultores. As atividades desenvolvidas têm a agroecologia como enfoque científico e metodológico, objetivando aprofundar o processo de construção e o entendimento da agroecologia na região, bem como viabilizar o desenvolvimento de tecnologias participativas que melhorem a qualidade de vida da população por meio da aplicação de princípios básicos como a segurança alimentar, organização da comunidade e sustentabilidade em suas dimensões ambiental, social e econômica. A partir de visitas periódicas, turnê guiada, questionário semi-estruturado, observação participante e técnicas de pesquisa ação, investigamos sobre o histórico de formação da comunidade e questões relacionadas às principais práticas de manejo agrícola utilizadas. Os principais temas trabalhados a partir da atuação dos estudantes na comunidade foram segurança alimentar, questão ambiental e ecológica, problemática do lixo, saúde e plantas medicinais e organizações sociais, envolvendo direta e indiretamente 60 famílias. O trabalho apresentado aqui tem por objetivo não apenas descrever o projeto realizado na comunidade e as diversas formas de conhecimento da população, mas

busca aprofundar a discussão a respeito da experiência em agricultura urbana no morro do Escorpião, apresentando uma reflexão da atuação de estudantes universitários na comunidade. Os agricultores urbanos da comunidade possuem vasto conhecimento em relação às práticas agrícolas, chegando a Viçosa em busca de melhores condições de vida e se alocam nas áreas periféricas da cidade. Os estudantes universitários carregam consigo bagagens de anos de estudo, muitas técnicas e vontade de construir algo novo, porém enfrentam dificuldades no momento de aplicar metodologias participativas e se envolver na comunidade. O aprendizado que vem sendo desenvolvido nesses anos de contato entre estudantes da UFV e moradores da comunidade periférica do morro do Escorpião, tem possibilitado o desenvolvimento consciente de uma relação mais simétrica entre esses públicos, auxiliando na quebra de preconceitos entre grupos até então vistos como muito distintos.

Palavras-Chave: Agricultura Urbana; Desenvolvimento Social; Agroecologia; Segurança Alimentar; Plantas medicinais.

Contexto

A comunidade do Morro do Escorpião, bairro Boa Vista, Viçosa (MG), tem em seu histórico um exemplo típico de ocupação precária do espaço urbano motivada pelo êxodo rural e pela enorme desigualdade que caracteriza a sociedade brasileira.

Apresenta, assim, os problemas comuns a espaços onde não são garantidas as estruturas básicas de manutenção da qualidade de vida, trazendo a necessidade de compreender novas formas de planejamento e visão para esses espaços.

Dentre os obstáculos enfrentados na comunidade, a precariedade da prestação de serviços municipais é visível, problematizando questões como acesso a tratamentos de saúde, a alimentação balanceada e de boa qualidade, a qualidade da educação, e infraestrutura local como saneamento básico, coleta de lixo, calçamentos, dentre outros.

A comunidade se distancia aproximadamente 5,5 Km do centro de Viçosa, as ruas da comunidade são calçadas com pedras, o que implica em grande necessidade de manutenção que nem sempre é feita, acarretando em vias de acesso precárias.

As ruas são estreitas, principalmente as da parte superior do morro, o que dificulta a passagem do caminhão de lixo da prefeitura, que há quatro meses só fazia a coleta das primeiras ruas obrigando a população da parte superior a descer com seu lixo até a coleta mais próxima. Como isso nem sempre acontecia, o lixo acabava sendo acumulado nos lotes vagos e nas ruas, trazendo diversos problemas sanitários à comunidade.

Muitas famílias que hoje vivem na região têm origem no meio rural. Migraram para as cidades por conta do intenso processo de empobrecimento das zonas rurais. No entanto, no meio urbano os índices de desemprego também são muito altos, assim como as taxas de subemprego e informalidade. Diante desse cenário, muitas famílias se mantêm com biscates e enfrentam restrições orçamentárias para a aquisição de alimentos, remédios, roupas, entre outros.

A insegurança alimentar e nutricional é, portanto, uma característica que se manifesta de forma recorrente em meio às famílias, o que se deve à combinação de dois fatores interdependentes: a dificuldade de acesso aos alimentos em razão dos baixos níveis de

renda familiar e a tendência à homogeneização dos hábitos alimentares, em que prevalece a baixa qualidade nutricional das dietas.

Apesar de ainda haver residências com quintais de terra e terrenos sem construções, a região em geral apresenta solos profundamente alterados pelos intensos processos de urbanização. É comum a utilização dos quintais e espaços ociosos para acúmulo de lixo, trazendo diversas consequências negativas. Porém, em alguns desses espaços são desenvolvidas práticas agrícolas, que adaptam traços da tradição rural ao ecossistema urbano. Elementos da herança cultural de diferentes regiões do país são observados nas diversas formas de uso de remédios caseiros à base de plantas e na diversidade de cultivos e hábitos alimentares ainda presentes.

A partir de trabalhos em agricultura urbana, o grupo busca desde meados de 2008 garantir e incentivar a auto-organização da comunidade, melhorando o ambiente e a convivência na comunidade a partir dos esforços dos próprios moradores, minimizando os problemas decorrentes do rápido crescimento urbano e falta de planejamento.

Descrição da experiência

No início de 2008, estudantes dos cursos de Engenharia Florestal e Biologia da Universidade Federal de Viçosa, sentindo necessidade de aprofundar o conhecimento nas práticas alternativas se reuniu para formar um grupo de estudos cujo tema principal seria a agroecologia.

As reuniões foram formuladas e discutidas pelos próprios participantes, com base no livro “Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável” do autor Miguel Altieri. O estudo foi organizado de maneira que cada participante se responsabiliza por um encontro semanal por mês, sendo que a metodologia utilizada e o conteúdo são preparados de forma a envolver o conhecimento de todos os participantes, de acordo com o livro base.

Em meados do primeiro ano, o grupo foi convidado a conhecer a comunidade do morro do Escorpião, por meio do morador Daniel da Silva que relatou alguns problemas enfrentados no local, e a dificuldade de envolver a comunidade em prol da melhoria das condições.

Daniel desenvolve desde 2006 diversos trabalhos sociais na comunidade, dentre eles o ensino da Capoeira Angola para crianças. Busca assim, garantir educação e conscientização nos diversos níveis, através de atividades que possam transformar a realidade dessas crianças. É coordenador do projeto Ginga Morro, e ministra aulas de capoeira na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima (EMNSF)¹ e na casa da Paz².

Apesar de desenvolver esse trabalho voluntário bem aceito pelas crianças participantes, enfrenta problemas de aceitação dos pais dos alunos envolvidos. Daniel sugeriu os trabalhos com agricultura urbana como forma de envolvimento e aproximação dos pais nos trabalhos com a comunidade, bem como a participação das crianças capoeiristas em

¹ Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro Laranjal próximo à comunidade do morro do Escorpião.

² Casa da Paz desde 2006 é a sede do grupo de capoeira angola Angoleiros do Mar – Tribo do Morro, localizada na Vila Gianett, campus da UFV.

práticas agrícolas que envolvam a conscientização ambiental.

Chegando à comunidade, o grupo confirmou os problemas citados, principalmente em relação ao mau manejo do lixo, encontrando ruas cobertas com entulhos, lotes onde se acumulava grande quantidade de lixo ao lado das casas, presença de animais e crianças brincando no local.

Além disso, percebemos um enorme potencial para a comunidade: disposição de áreas cultiváveis e diversos quintais utilizados para cultivo agrícola, o que indica o interesse pela prática.

Já na comunidade, levantamos informações sobre as características socioambientais, a partir daí foram promovidas oficinas de envolvimento e motivação com a participação de jovens e adultos da comunidade.

O sucesso em projetos de intervenção depende de uma abordagem metodológica que permita a apropriação pela comunidade de todo o processo, desde o planejamento, até a sistematização final das atividades. Isso permite que seus participantes se tornem agentes da transformação de sua própria realidade, resultando em ações coerentes com o contexto local, e por isso mesmo os resultados são mais duradouros. Ao mesmo tempo, reduz o risco levantado por Smit (1996), de se tornar uma ação puramente assistencialista.

Sendo assim, a metodologia utilizada buscou a aproximação do grupo com a comunidade, envolvendo diretamente as famílias produtoras.

A partir do segundo semestre de 2010, passamos a realizar encontros no quintal da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, a convite da diretora da escola, contando com a participação de alunos da escola de 7 a 14 anos, moradores da comunidade e funcionários da escola.

Iniciamos uma horta no espaço externo, e durante os espaços de trabalho envolvíamos discussões de percepção ambiental e sobre os diversos temas de importância para o projeto, como reciclagem e compostagem, cultivo agroecológico e plantas medicinais, organizações sociais e desenvolvimento de comunidades. Os alunos interessados no projeto foram selecionados tendo em vista o seu interesse, assiduidade, afinidade, e dando ênfase aos participantes do projeto parceiro Ginga Morro, com o intuito de viabilizar trabalhos em parceria.

Reuniões semanais de formação e planejamento foram desenvolvidas entre os integrantes do projeto, possibilitando a formação de membros importantes da comunidade, como o morador Daniel, discutindo e avaliando o andamento do projeto. Foi realizado um diagnóstico com base nas visitas periódicas à comunidade, turnê guiada, observação participativa durante os encontros na comunidade e questionário semi-estruturado aplicado às famílias pelo método “bola-de-neve”, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a comunidade e a forma de intervenção do projeto.

Resultados

Analisando as ações desenvolvidas pelo projeto na comunidade desde 2008, percebemos

um processo contínuo de transformação nas práticas propostas e na relação entre esses públicos, resultado este do aprendizado desenvolvido, principalmente para os estudantes propositores e membros mais envolvidos como Daniel da Silva.

Os desafios enfrentados pelos estudantes durante o desenvolvimento do projeto, bem como as dificuldades que não possibilitaram o desenvolvimento de algumas ações propostas inicialmente, foram de grande valia para todos os membros, sendo uma forma de aprendizado mútuo e fortalecimento dos laços de companheirismo entre estudantes e comunidades, que hoje estão mais conscientes e solidários uns com os outros, entendendo as dificuldades enfrentadas por cada um em seu meio específico.

O contato direto com os membros da comunidade possibilitou a percepção em relação à sabedoria desse grupo, sabedoria esta que não se aprende na escola, pois a maioria destes, como dizem, não “tem leitura”. A possibilidade de se perceber ao observar o outro, tornou a relação ainda mais profunda, sendo uma forma de aceitação que auxilia no entendimento das diversas realidades encontradas.

Embora os contextos socioeconômicos, ambientais e culturais encontrados na cidade sejam bastante diferentes da realidade do meio rural onde é mais comum o desenvolvimento de práticas agroecológicas, percebemos que as abordagens metodológicas desenvolvidas guardam muitas semelhanças por se orientarem por princípios comuns.

Os resultados mais importantes considerados por membros da comunidade foram em relação aos momentos de convívio e práticas conjuntas realizadas na comunidade, a atenção e cuidado entre as pessoas são considerados mais relevantes que as técnicas apresentadas.

Sendo assim, a aproximação desenvolvida é decorrente da confiança adquirida, possibilitando a percepção entre as similaridades dos grupos envolvidos, proporcionando a união e o desenvolvimento de relações de companheirismo.

Percebemos que esse tipo de relação é essencial para um bom desenvolvimento de trabalhos em comunidades periféricas, e sem isso pouco pode ser feito.

Sendo assim, sabendo que essas relações não podem ser firmadas de um dia para o outro, o tempo é um elemento a ser considerado, e a paciência deve ser uma prática diária desenvolvida entre os participantes.

O questionário aplicado possibilitou a seleção de 60 espécies de grande importância para a comunidade, a forma de cultivo, tipos de manejo e utilização dada pela comunidade para cada uma dessas espécies, voltando esse material para a comunidade como uma forma de valorização e agradecimento por tantos conhecimentos socializados.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a todos os moradores do morro do Escorpião, que de muitas formas contribuíram para a realização desse trabalho, especialmente ao amigo e mestre Daniel da Silva. Agradecemos também à UFV, por todo apoio metodológico e financeiro, que auxiliou muito na manutenção do trabalho. Agradecemos aos amigos João

Capurucho e Carlos Sperber, companheiros desde o início do desenvolvimento dos trabalhos na comunidade.

Bibliografia Citada

ALEIXO, I. F. **Agricultura Urbana na comunidade do morro do escorpião: desenvolvimento social e Agroecologia**. Monografia de graduação. Universidade Federal de Viçosa, junho de 2011.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 592p. 2002.

SMIT, J. **Urban Agriculture, Progress and Prospect : 1975-2005**, Cities Feeding People Series. Report No. 18, Ottawa, Centre de recherches pour le développement international, 28p. 1996.